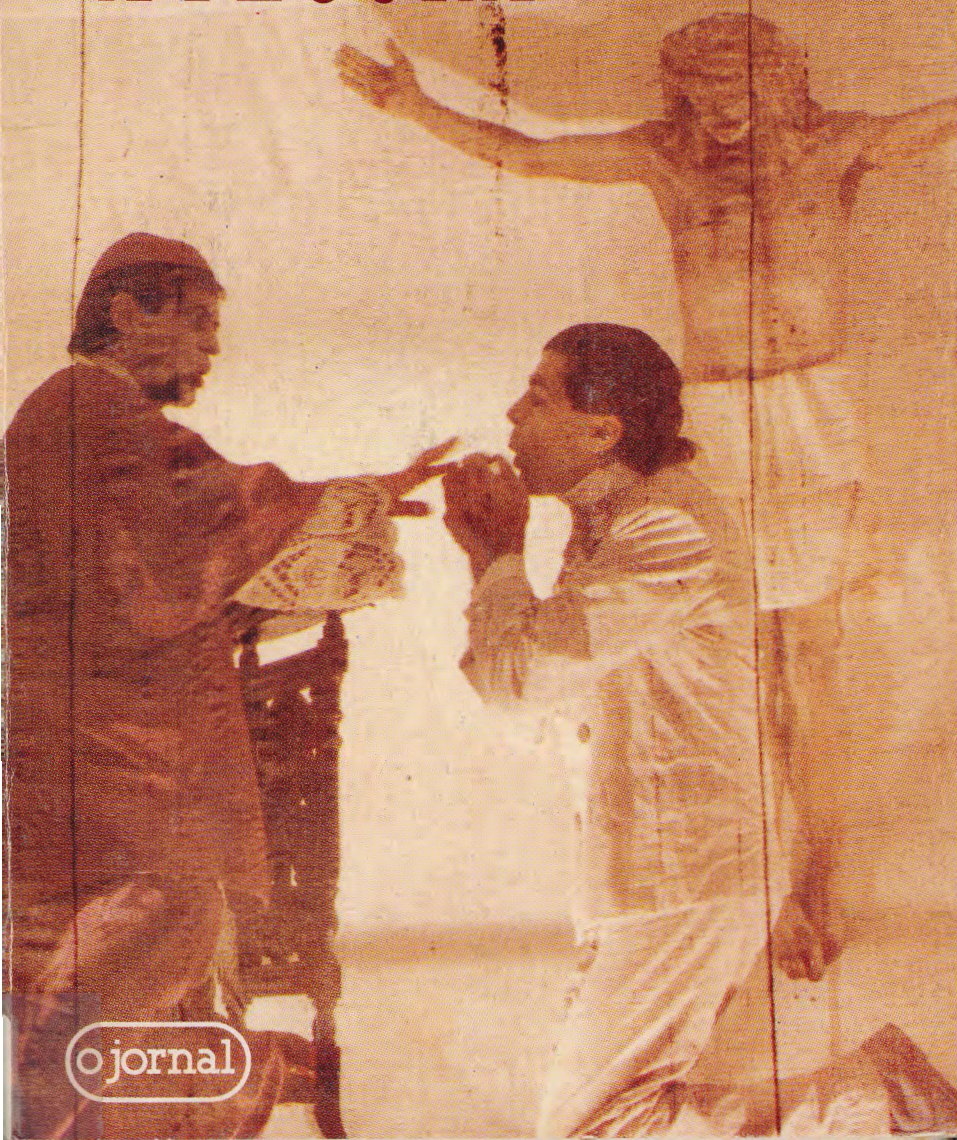


NATÁLIA CORREIA

A PÉCORA



005506
1-21-106

Natália Correia

A Pécora



o jornal

Obras da autora

Poesia: *Rio de Nuvens* (1947), *Poemas* (1955), *Dimensão Encontrada* (1957), *Passaporte* (1958), *Comunicação* (1959), *Cântico do País Emerso* (1961), *O Vinho e a Lira* (1966), *Mátria* (1968), *As Maçãs de Orestes* (1970), *A Mosca Iluminada* (1972), *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (1973), *Poemas a Rebate* (1975), *Epístola aos Iamitas* (1976), *O Dilúvio e a Pomba* (1979) e *O Armistício* (1985).

Ficção: *Anoiteceu no Bairro* (1946), *A Madona* (1968), *A Ilha de Circe* (1983) e *Onde está o Menino Jesus?* (1988).

Teatro: *O Progresso de Édipo* (1957), *O Homúnculo* (1965), *O Encoberto* (1969) *Erros Meus, Mã Fortuna, Amor Ardente* (1981) e *A Pécora* (1983).

Ensaio: *Poesia de Arte e Realismo Poético* (1958) e *Uma Estátua para Herodes* (1974).

Investigação e antologias: *A Questão Académica de 1907* (1962), *Antologia da Poesia Erótica e Satírica* (1966), *Cantares Galego-Portugueses* (1970), *Trovas de D. Dinis* (1970), *A Mulher* (1973), *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* (1973), *Antologia da Poesia Portuguesa no Período Barroco* (1982), *A Ilha de Sam Nunca* (1982) e *Somos Todos Hispanos* (1988).

2.^a edição, 1990

Copyright © Natália Correia e Edições «O Jornal»

Capa de João Segurado sobre fotografia de João Paulo Soares
Fotografia da contracapa de Pedro Múrias

Edições «O Jornal»

Publicações Projornal, Ld.^a

Av. da Liberdade, 232, r/c-Dt.^o

1200 Lisboa

Composto e impresso pela gráfica Santelmo, Cooperativa de Artes Gráficas, SCARL.

Depósito Legal N.º 24 609/88

Escrita em 1967, esta peça foi então impedida de ser publicada pela jagunçada do regime que exerceu sobre a tipografia que a imprimia a ameaça de fechar-lhe as portas, caso a obra prosseguisse. Ficou, assim, *A Pécora no purgatório das gavetas*, à espera de provar que nem todas estavam vazias quando a liberdade as abrisse.

Porquê só agora a sua publicação?

Tão caudaloso foi, nos júbilos de Abril, o cortejo de vítimas da censura, a besuntar de martírio a sua mediocridade, que, podendo esta peça ser tudo o que quiserem, menos medíocre, tive por dispensáveis os bons ofícios da grita que extrapolava a excelência das obras, do galardão de terem sido censuradas. Também me pareceu ganancioso oportunismo aproveitar a leva da permissividade — salutar porque regenerativa do tecido mental gangrenado pela repressão — para cobrar o bom acolhimento de uma peça condenada ao *t'arrenego* de uma certa tacanhez sacrista. Na festa libertária do tudo vale contra os diversos e alienantes poderes, ficaria ofuscada a mensagem substancial de

A Pécora: a sua profunda religiosidade; pois desta lhe emerge a desmistificação do mercado religioso que vende Deus em bentinhos, pagelas e outros artigos da comercialização da credence. E não me retraio em reclamar para a doce e puríssima prostituta, cuja imolação é a pedra sobre a qual é construído o templo dos vendilhões, a luz de uma humaníssima santidade. Atenção, pois, ao *verdadeiro* da farsa da sua canonização forjada pela feira dos milagres. Na mesma instância da pompa eclesiástica que a calca aos pés, Melânia é *efectivamente*, por sentença cristã, inscrita no catálogo dos santos que, não recebendo culto público na Igreja, são, em sua anónima pulcritude de alma que as feridas nela abertas pelo mundo não entenebrecem, ungidos pela paixão de Cristo.

A este entendimento chegaram leitores, mesmo católicos, a quem dei a conhecer a peça, ao tempo da sua interdição. De um deles, David Mourão-Ferreira, que finalmente a reconheceu como filiada nos velhos *mis-térios* representados por ocasião das festas litúrgicas, veio a sugestão de a intitular *Auto da Paixão de Santa Melânia*. Mal andei, porventura, em não seguir o conselho do poeta que tanto estimo. Mas aqui o publico como testemunho do prévio desmascaramento das mentes excomungativas que farejarem n'*A Pécora* malignidades abrangíveis pelo inquisitorialismo que lhes atrofia a visão.

Natália Correia

Lisboa, 20 de Outubro de 1983.

PERSONAGENS

MELÂNIA SABIANI (PUPI)
TEÓFILO ARDINELLI
ZENÓBIA
BISPO
MADAME OLYMPIA
PACO, O ABUTRE
DOMICELLA
REGEDOR DOMÉNICO BALBOA
JERÓNIMO TRICOTEAUX
SENHORA SABIANI
SENHOR SABIANI
CÓNEGO
FILHO DO CASAL ARDINELLI
SOCIÓLOGO
CIENTISTA ESPECIALIZADO
EM MEDICINA RETROSPECTIVA
ACTOR
GUIA TURÍSTICO
VENDEDEIRA DE REBUÇADOS
E SABONETES MIRACULOSOS
DUAS PROSTITUTAS DO BORDEL
DE MADAME OLYMPIA
TRÊS PROSTITUTAS DO CAFÉ
DA SENHORA DOMICELLA
DOIS PASTORINHOS

BURGUESES
 MULHERES ESTÉREIS
 CEGOS
 ALEIJADOS
 PECADORES
 PECADORAS
 FLAGELANTES
 PAGADORAS DE PROMESSAS
 MARINHEIROS
 TRÊS MULHERES GALESAS
 QUATRO HOMENS GALESES
 TRÊS BAILARINAS
 PADRES
 UM MASCARADO
 CRUCÍFERO
 CARDEAL
 ARCEBISPO
 CÓNEGOS
 DIÁCONOS
 FRADES
 ACÓLITOS
 MILITARES

MELANIA SABIANI (PUPA)
 THEODORA ANDRELLI
 ZENOBIA
 BIRMO
 MADAME OLYMPIA
 PAÇO, O ABUTRE
 DOMICILLA
 RICHARD DOMENICO BALBOA
 JERONIMO THEODORUX
 SENHORA SABIANI
 SENHORA SABIANI
 COELHO
 FILHO DO CARAL ANDRELLI
 SODRADO
 CIENTISTA ESPECIALIZADO
 EM MEDICINA RETROSPECTIVA
 ACTOR
 GUIA TURISTICO
 VENDEDORA DE BEBIDAS
 E SABORES MIRACULOSOS
 DUAS PROSTITUTAS DO BORDEL
 DE MADAME OLYMPIA
 TRÊS PROSTITUTAS DO CAFE
 DA SENHORA DOMICILLA
 DOIS PASTORINHOS

I ACTO

Desce-se as duas difíceis escadas do século XIX. Uma praça de Goi, com o seu movimento ao centro da vida da Europa meridional, cujo nome designa-se publico a escola, conforme a acção a seguir e as personagens o localizam, desde que não seja desviado deste clima do sol do Meio-Dia.

No centro, um velho pelourinho.

As muralhas que rodeiam a praça são muito velhas e brancas e representam aquela poeira branca da vida que resvala na arquitectura dos países onde o sol a vida e a cultura da vida se entrelaçam numa harmonia que hostiliza o progresso perturbador de um modo de ver que se range quando amplexado o seu velho propósito de permanecer.

No proscénio, Três Mulheres Goianas vestidas de negro com o zulle pelo ombro.

Um sol ora torva agustando o contraste do alto e do baixo branco com as vestes das Três Mulheres.

Durante as duas últimas décadas do século XIX. Uma praça de Gal, velho burgo encravado no centro de um país da Europa meridional, cujo nome deixamos ao público a escolha, conforme a acção o sugerir e as personagens o localizarem, desde que não seja deslocado deste clima do sol do Meio-Dia.

No centro, um velho pelourinho.

Os muros que contêm a praça, são muito velhos e toscos e apresentam aquela pasmada brancura da cal que ressalta na architectura dos países onde o sol, a miséria e a cultura da vinha se entrelaçam numa fatalidade que hostiliza o progresso perturbador de um modo de ser que só reage quando ameaçado o seu único propósito de permanecer.

No proscénio, Três Mulheres Galesas vestidas de negro com o xaile pela cabeça.

Um sol cru torna angustiante o contraste do esboçado reboco branco com as vestes das Três Mulheres.

PRÓLOGO

As Três Galesas recitam o «Romance de Melânia Sabiani Cuja Virtude Impôs aos Céus o Seu Rapto por Um Anjo a fim de A Furtar a Este Mundo de Perdição».

Andorinha gloriosa,
o anjo colheu a rosa!
Quando Melânia aqui nasceu
o mundo de luz encheu.

Não digas, ó pecador,
que os milagres são mentira!
Que um anjo andou pela terra
e raptou uma donzela
dois pastorinhos o viram.
Para que a erva dos pecados
não comamos impassíveis
e os costumes reformar,
de Melânia Sabiani
a virtude redentora
viram os dois inocentes
o anjo glorificar.
Santo é agora o local
onde o anjo a arrebatou.
Erguendo um oratório de pinho
o povo de Gal o assinalou.
Sete lâmpadas de azeite
ardem ali noite e dia.
Se não fossem os Liberais
mais lâmpadas arderiam.

Muitos são os peregrinos
porque muita é a sua agonia;
trazem trigo, azeite e dinheiro
nos dias de romaria.
Se não fossem os Liberais
que não trariam, que não trariam?

Andorinha gloriosa,
o anjo colheu a rosa!
Quando Melânia aqui nasceu
o mundo de luz encheu.

A cena escurece.

I EPISÓDIO

A cena é a mesma. As Três Galesas, juntaram-se Quatro Homens do Povo, também vestidos de negro. O casal Sabiani é o centro das atenções. Trajam ambos como aldeões endomingados, afirmando, assim, terem subido um degrau na hierarquia do burgo.

SR.º SABIANI

Não é fácil a nossa vida. Orgulhamo-nos de que o anjo tenha escolhido um rebento dos Sabiani. Mas nos tempos que correm os milagres são vistos como um crime.

SR. SABIANI

Se nos podem acusar de alguma coisa é de ter feito tudo para ela ser uma rapariga como as outras.

SR.º SABIANI

Não podíamos prever um triunfo tão milagroso da sua virtude.

SR. SABIANI

Eu dizia-lhe: «Melânia! Estás feita uma rata de sacristia. As mulheres nasceram para cozer pão e chocar filhos. Casarás com Teófilo Ardinelli. As nossas vinhas são contíguas. Segundo os costumes, este é um sinal de que os sangues dos Ardinelli e dos Sabiani se devem misturar.» Mas ela assustava-nos com a ameaça de se atirar ao poço se não desposasse Aquele que lhe abrasava o coração em amor divino.

SR.^a SABIANI

Se a desviávamos do confessional, esperneava, revirava os olhos e punha-se a berrar: «Deixai-me, deixai-me, que do céu me veio aquele padre!»

SR. SABIANI

E veio. Logo após Deus ter operado a maravilha, achou que o mundo era pouca coisa e foi consolar leprosos para a Índia.

SR.^a SABIANI

Se o padre Salata cá estivesse, já no Tesouro da Igreja estaria posta a preciosa jóia.

SR. SABIANI

Os padres tornaram-se prudentes. O Governo cobiça os bens da Igreja. Os reis já não têm medo da excomunhão.

SR.ª SABIANI

Nunca se viu os sacerdotes temerem-se dos governantes. Que é isto senão um dos sinais do fim do mundo?

1.º HOMEM

Muitos dos nossos avós foram queimados pela Inquisição.

1.ª MULHER

Alimentado devidamente foi o fogo da religião.

2.º HOMEM

Vivos estão ainda entre nós aqueles que o meirinho multava.

2.ª MULHER

E à multa não se eximiam os que ao domingo, a taberna, à santa missa preferiam.

3.º HOMEM

Devidamente nós pagávamos o nosso gosto pelo vinho.

3.ª MULHER

E a Igreja não perdia.

4.º HOMEM

Agora o execrado crime
nós o devemos praticar
pela prosperidade da Nação.

OS 7 POPULARES

Chegaremos alguma vez a saber
o que querem de nós os governos?

SR.ª SABIANI

Não é justo! Dizerem que a minha filha se sumiu
com o primeiro maltês que por aqui passou...

SR. SABIANI

Infâmias dos Liberais! Tudo lhes serve para a pro-
paganda política.

SR.ª SABIANI

Não é justo! Acusarem-nos de cobrar dinheiro aos
peregrinos que querem beijar o berço onde a Bem-
-Aventurada abriu os olhos...

SR. SABIANI

Os hereges deturpam tudo.

SR.ª SABIANI

Não há nada mais natural que essas almas aflitas
queiram deixar uma lembrança àqueles que puseram
no mundo quem por elas intercede.

SR. SABIANI

É indigno dar a isso o nome de negócio.

SR.^a SABIANI

Oh, creiam, creiam, a nossa vida não é fácil!

SR. SABIANI

Não é sem custo que se colhem os frutos da santidade.

Sai o casal Sabiani pela E.

1.º HOMEM

Conhecemos tempos melhores.

1.ª MULHER

Os reis eram nossos senhores absolutos.

2.º HOMEM

Não sabíamos o que era democracia...

2.ª MULHER

...e como agora nascíamos e morríamos.

3.º HOMEM

Esses eram tempos de paz.

3.ª MULHER

Agora o rei tem ideais...

4.º HOMEM

Damos vivas à liberdade.

1.º HOMEM

Diz a Constituição que somos todos iguais.

OS 7 POPULARES

Mas ameaçam-nos com a prisão;
porque um anjo desceu em Gal.

Entram pela D., Zenóbia, zelosa funcionária de «Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal» e Jerónimo Tricoteaux, sócio e secundária figura da dita empresa. Zenóbia é uma mulher de trinta anos. A sua fermentada fealdade é agravada por um daqueles bigodes que não raro aparecem na cara de certos viragos da raça mais genuinamente latina. Traja com o agressivo puritanismo das anquilosadas virgens da sua espécie. A rigidez da sua angulosa configuração, denota uma força de carácter que se afirma no sentido da mais baixa materialidade. Jerónimo Tricoteaux é um homem prudentemente apagado. Está a abeirar-se dos 40. É um daqueles seres que têm a coragem de nunca tomar abertamente a iniciativa, mas cuja astúcia é um bem precioso não só para eles como para aqueles que têm o talento de a saber usar.

ZENÓBIA

(procurando espalhar o pânico)

Os homens do Distrito estão cá outra vez. Trazem martelos e machados para destruir o oratório.

1.º HOMEM

(tom de protesto)

O oratório é o pão dos galeses!

OS 7 POPULARES

(exaltados)

Mostremos que pela nossa fé
estamos dispostos a matar ou morrer!

TRICOTEAUX

(apaziguador)

A autoridade é a autoridade. Iludir a lei, é o lícito jogo da inteligência que para tal a concebeu. Afrontá-la, é o vergonhoso desaire da estupidez que a teme.

ZENÓBIA

(demagógica)

O Senhor Ardinelli é o nosso homem. Sabe convencer a autoridade sem nunca deixar de servir a lei.

OS 7 POPULARES

Teófilo Ardinelli é a nossa esperança!

ZENÓBIA

(para Tricoteaux)

Acompanhe-me, Senhor Tricoteaux. Vamos chamar esse amigo povo.

Saem os dois pela E.

1.º HOMEM

Gal era um monte de pedras.

1.ª MULHER

No Inverno, as cadelas do frio
os nossos ossos farejavam.

2.ª MULHER

No Verão, pelos abutres do Sol era a nossa carne
cobiçada.

2.º HOMEM

E ao Senhor, da nossa miséria
falou a Bem-Aventurada.

3.ª MULHER

E pela graça divina
floresceu o comércio local.

2.ª MULHER

Nos dias de romaria
com barracas coloridas
cobrem-se as pedras de Gal.

3.º HOMEM

Não só com vinho e comidas
prosperam nossos negócios.

4.º HOMEM

Nas tendas mais concorridas
pelos romeiros sequiosos,
dão mais lucro que as bebidas
os artigos religiosos.

OS 7 POPULARES

Mas à indigna miséria
voltaremos cheios de ódio,
se em nome da liberdade
destruírem o oratório.

Entram pela E. o Regedor Doménico Balboa e os dois Pastorinhos. Balboa é o tipo do cacique rural. Os Pastorinhos aparentam entre catorze e quinze anos. Têm na face o pasmo dos iluminados que os isola dos pre-sentes. Balboa ouviu as últimas palavras do Coro dos Populares.



REGEDOR

(apostrofando os Populares)

Cambada de idólatras! Uma nova raça veio ao mundo. A dos homens que não temem o que está por cima das nuvens. Veremos a outra face da Lua. Para isso fizemos uma revolução. Não a desvirtuemos, deixando-nos iludir pelas crianças. As crianças são sempre enganadas. Foi para garantir esse logro que o Reino dos Céus lhes foi prometido. Os Pastorinhos têm a estúpida obstinação dos que passam por inocentes. São dois perigosos agitadores.

A cena escurece, ficando só, no proscénio, os dois Pastorinhos, focados por uma luz especialmente cintilante.

PASTORINHOS

Ameaçam-nos com azeite a ferver
e vão levar-nos para a prisão.
Mas nunca o contrário diremos.
Para que a verdade triunfe na terra
vimos a celeste aparição.
Se os nossos olhos arrancarem
não perderemos a visão;
e no insone pulmão do mundo,
as infusas flores do sonho,
as suas pétalas fecharão.
Incomparável, incomparável
é a nossa exaltação!

A cena ilumina-se e repõe-se a situação anterior.

OS 7 POPULARES

Vivam os Pastorinhos!
Abaixo as mentiras dos liberais!

REGEDOR

Idólatras e imbecis! A Revolução veio provar que o mundo pode subsistir sem o engano das crianças. O Manual do Perfeito Revolucionário diz: «Acabem com o sonho e então, sim, veremos a civilização».

OS 7 POPULARES

Que quer dizer essa palavra?

REGEDOR

Os que estão em baixo virão acima. (*Empurrando os Pastorinhos.*) Vamos, papagaios de água benta!

Sai, arrastando as crianças pela D.

OS 7 POPULARES

Os que estão em baixo virão acima!
Sempre foi esse o movimento do mundo.
Chamam-lhe agora democracia.
Em qualquer tempo e qualquer lugar,
dêem-lhe o nome que quiser,
de temer será o que subiu,
lamentável será o que baixar.

Entra o Regedor pela D.

REGEDOR

Está restabelecida a ordem. O oratório será destruído e as crianças estão na cadeia porque fazem perigar as leis do Estado tendo visto um anjo. O progresso triunfa em Gal.

Entra pela E. Teófilo Ardinelli, seguido de Zenóbia e Jerónimo Tricoteaux. Ardinelli é um homem no vigor da vida, de tez muito escura e traços marcados. Encarna, na expressão e atitudes, o modelo dos bandidos do sul da Itália, cuja crueldade tem sempre um aspecto sentimental, quando não lírico. A sua entrada coincide com as últimas palavras do Regedor.

ARDINELLI

(voz lenta, falsamente amigável)

Doménico Balboa! Quer-me parecer que Deus não gosta do progresso.

REGEDOR

Do que Deus gosta ou não gosta é coisa que não me incomoda, desde que a Revolução deitou a língua de fora aos mandamentos.

ARDINELLI

(lastimoso)

O outro Regedor disse o mesmo *(faz o sinal da cruz)* e eu benzo-me só de pensar no que lhe aconteceu.

TRICOTEAUX

Nunca será de mais lastimá-lo.

ZENÓBIA

Pobrezinho! Também quis destruir o oratório e ficou roído de remorsos...

ARDINELLI

Não é de espantar que o demo lhe metesse uma bala no revólver e ...zás... estourasse os miolos.

REGEDOR

Eu nunca chegue a deputado se o demónio que armou a mão do Regedor não se chama Teófilo Ardinnelli.

ARDINELLI

A tua heresia brada aos céus. Queres coisa mais natural que um homem ficar danado porque ousou tocar num dos cabelos de Deus?

REGEDOR

Todos o sabem. Mas coseste-lhes a língua com o dinheiro da santa e foste solto por falta de provas.

ARDINELLI

Pois eu diria que me soltaram para provar que ainda há justiça sobre a terra. Esta é que é a verdade. Porque a minha boca não se abre sem que por ela saia o coração.

REGEDOR

Se algum dia abrisses a boca para dizer uma verdade, vomitavas o saco das esmolas.

ARDINELLI

Nunca se ouviu maior calúnia. Se não fosses um puro pagão verias que eu sou o Tesoureiro das Esmolas porque nisso anda o dedo de Deus. Não estava a Bem-Aventurada destinada ao meu leito? (*Para os Populares.*) Conhecem pessoa mais indicada para gerir os negócios da santa?

OS 7 POPULARES

Não, não conhecemos!

ZENÓBIA

O patrão Ardinelli é um bom administrador!

TRICOTEAUX

Não está longe o dia em que o dinheiro das esmolas começará a dar-nos frutos.

ARDINELLI

(*em tom de comício*)

«Ardinelli & Tricoteaux, Investimentos em Gal» é só o começo. Com um oratório de pinho não pode-

mos esperar grandes donativos dos romeiros. Os meus planos vão mais longe. Elevar o nível social das peregrinações. Ergueremos uma basílica de mármore. Um templo condigno para as milionárias arrependidas se despojarem das suas jóias. Teófilo Ardinelli prometo-vos que, entre as pedras de Gal, onde agora rebentam silvados, correrão rios de oiro.

OS 7 POPULARES

Viva o Tesoureiro das Esmolas!

ARDINELLI

(ameaçador)

Põe os olhos nisto, Doménico Balboa! (*Dá um passo em frente, no que é imitado por Zenóbia e Tricoteaux, formando os três um cerco apertado à volta do Regedor.*) Porque se o oratório não ficar de pé, nunca mais verás outro exemplo de democracia.

REGEDOR

(atemorizado)

Que vão fazer? (*Os três apertam mais o cerco.*) Acudam! Acudam! Querem matar um liberal! Vão paralisar a máquina do progresso! (*Os três fecham implacavelmente o círculo.*) Socorro! Socorro! De outro modo nunca vereis a outra face da Lua...

A cena escurece, ficando apenas iluminados os Populares, que se mantiveram alheios à situação precedente.

OS 7 POPULARES

Lamentamos Doménico Balboa
que acreditava nos Direitos do Homem
e nos negava o direito à vida.

*A cena é iluminada e está deserta. Apenas Balboa
pende, enforcado, no pelourinho.*

OS 7 POPULARES

(apontando com horror o enforcado)

Oh, a voz da consciência
a que pode um homem levar!
Impossível é executar a lei
sem a Deus atraíçoar.
De Balboa, que por coerência,
como exemplo ao mundo legou
este espectáculo de horror,
sempre com respeito diremos:
Que muito temeu a Deus
e foi um bom Regedor.

Entra Zenóbia, afogueada, pela E.

ZENÓBIA

Está restabelecida a ordem. O povo assaltou a prisão. Soltaram os Pastorinhos. Os homens do Distrito foram corridos à pedrada. O oratório é indestrutível.

1.ª MULHER

Seja o acontecimento festejado!

OS 7 POPULARES

Bebendo, bebendo...

1.º HOMEM

Alegremos os nossos corações!

OS 7 POPULARES

Bebendo, bebendo...

2.ª MULHER

Corra o sangue do Crucificado!

OS 7 POPULARES

Bebendo, bebendo...

2.º HOMEM

Sempre nas grandes ocasiões...

OS 7 POPULARES

...bebendo, bebendo...